

TEMPO DE REVOLUÇÃO

“QUE AS CLASSES DOMINANTES TREMAM À IDEIA DE UMA REVOLUÇÃO COMUNISTA!” (MARX & ENGELS) - MAR 2024 - R\$ 5,00

ÓRGÃO DO COMITÊ CENTRAL DA ORGANIZAÇÃO COMUNISTA INTERNACIONALISTA (OCI), SEÇÃO BRASILEIRA DA CMI

EDIÇÃO 34

LÊNIN VIVE!



Aprender com Lênin e o leninismo para “varrer o velho e criar o novo”

Ao tratar das consequências da Primeira Guerra Mundial, de seus horrores, Lênin explicou que a “a sociedade capitalista foi e é sempre um **horror sem fim**”. Ao completarem-se 100 anos da morte deste grande revolucionário, esta frase continua extremamente atual.

O capitalismo segue em crises cada vez mais insólitos e vivemos hoje a ameaça de uma nova recessão global. Diante disso, os capitalistas tentam restabelecer sua taxa de lucro, aumentando a exploração com cortes nos serviços públicos (salário indireto), nos direitos sociais, nos salários, na precarização e na extensão da jornada de trabalho, além de promover as guerras que assolam o planeta.

Para além da humanidade, este sistema destrói cada vez mais o mundo em que vivemos. A crise climática é sentida em todas as partes do globo e toca principalmente a consciência da juventude. A exploração desenfreada dos recursos naturais, a destruição de florestas

e de reservas ambientais para servir à monocultura do agronegócio, o crescimento urbano desordenado... Tudo isso está resultando em temperaturas recordes, enchentes, tempestades e queimadas, que destroem cidades, regiões inteiras e vidas humanas. No Brasil, 17,3 milhões de hectares foram queimados só em 2023, área maior que o território de alguns estados, como Acre ou Ceará.

Enquanto isso, as cenas da barbárie promovida pelo Estado de Israel em Gaza sensibilizam jovens e trabalhadores do mundo inteiro. Há poucos dias, Aaron Bushnell, membro do ativo da Força Aérea dos Estados Unidos, ateou fogo a si mesmo aos gritos de “Libertem a Palestina! Palestina livre!”. Este foi um ato de desespero, que expressou a ira e a frustração de milhões. Um ato de quem sente a necessidade de agir, mas como indivíduo, sente-se impotente diante do rolo compressor imperialista.

Impossível não relacionar este episódio com o jovem tunisiano Moha-

med Bouazizi, que em 2011, ao se deparar com a impossibilidade de se sustentar, decidiu atear fogo ao próprio corpo, dando origem ao movimento revolucionário chamado de Primavera Árabe, que derrubou em dias ditaduras de décadas.

Esse evento está muito fresco na memória da burguesia e isso explica as tentativas hipócritas de insinuar uma suposta enfermidade mental para justificar a morte de Aaron Bushnell.

Em um caso mais recente do genocídio em curso na Palestina, no dia 29 de fevereiro, mais de 100 pessoas morreram e mais de 700 ficaram feridas após tropas das Forças de Defesa de Israel dispararem contra civis palestinos famintos e desesperados, que se reuniam em torno de caminhões de ajuda alimentar em Gaza.

O Estado sionista de Israel está matando o povo palestino à bala, mas também de fome, com o estrangulamento econômico de Gaza e da Cisjordânia. Trata-se do objeti-



vo histórico do sionismo de exterminar o povo palestino para dar lugar a um Estado de *apartheid* criminoso, criado para ser a cabeça de ponte do imperialismo norte-americano no Oriente Médio.

Enquanto isso, há em curso no mundo hoje outros 110 conflitos armados. Para a burguesia, o que vale é a lógica do lucro. Como explicou o secretário de Estado dos EUA, Antony Blinken, no final do ano passado, os investimentos na defesa da Ucrânia, por exemplo, resultaram no crescimento da própria economia norte-americana, “situação em que todos ganham”, segundo Blinken, e que precisa “continuar”.

É voltando a Lênin, sua teoria e sua história que encontraremos a expli-

Lênin foi quem melhor compreendeu a necessidade da criação de um partido disciplinado, capaz de organizar a classe operária na sua luta pela derrubada do czarismo russo

cação correta para compreender o que se passa no mundo hoje. E, mais que isso, para aprender a transformar essa indignação com o capitalismo em organização, para dar um fim a esse sistema, responsável pelas guerras,

pela destruição ambiental e pela miséria que assola o planeta hoje.

Lênin e o marxismo

Lênin foi quem melhor compreendeu a necessidade da criação de um partido disciplinado, capaz de organizar a classe operária na sua luta pela derrubada do czarismo russo. Em “Esquerdismo: Doença Infantil do Comunismo”, afirmou, por exemplo, que os bolcheviques não conseguiriam se manter no poder nem sequer dois meses e meio sem “a disciplina rigorosíssima, verdadeiramente férrea” e “o total e incondicional apoio da massa da classe operária”.

Mas suas ideias não surgiram do nada. Lênin não nasceu já formado da cabeça de Zeus, como Atena, munida de sua armadura e armas. Sua origem em Simbirski, cidade palco de grandes revoltas que abalaram o império russo; a morte de seu irmão, Alexandre Ulyanov, enforcado após uma tentativa frustrada de assassinar o czar Alexandre III; as grandes transformações impulsionadas pela industrialização e a situação política convulsiva que marcou a segunda metade do século XIX, tanto na Rússia quanto na Europa, são elementos centrais da história de Lênin. Tudo isso o levou a conhecer o marxismo e a entender a necessidade de um partido. Como aponta Lênin:

“A Rússia tornou sua a única teoria revolucionária justa, o marxismo, em

meio século de torturas e sacrifícios extraordinários, de heroísmo revolucionário nunca visto, de incrível energia e abnegada pesquisa, de estudo, de experimentação na prática, de decepções, de comprovação, de comparação com a experiência da Europa. Graças à emigração provocada pelo czarismo, a Rússia revolucionária da segunda metade do século XIX contava, mais que qualquer outro país, com enorme riqueza de relações internacionais e excelente conhecimento de todas as formas e teorias do movimento revolucionário mundial.”²

Lênin estudou a fundo Marx e Engels e viu sua teoria como uma doutrina “completa e harmoniosa” que dá “aos homens uma concepção integral do mundo, inconciliável com toda a superstição, com toda a reação, com toda a defesa da opressão burguesa”. E entendeu que o marxismo não era apenas uma teoria, mas um guia para a ação, que indica ao “proletariado a saída da escravidão espiritual em que vegetaram até hoje todas as classes oprimidas”. “A luta de classes era a base”, escreve Lênin, “e a força motriz de todo o desenvolvimento”. E mais adiante completa:

“Nenhum país capitalista se formou sobre uma base mais ou menos livre, mais ou menos democrática, sem uma luta de morte entre as diversas classes da sociedade capitalista.”³

Logo, Lênin concluiu que a libertação do proletariado não se daria de forma diferente, que en-

A única saída para as classes oprimidas é “encontrar na própria sociedade que nos rodeia, educar e organizar para a luta, os elementos que possam — e, pela sua situação social, devam — formar a força capaz de varrer o velho e criar o novo.”

frentaria a resistência das classes possuidoras, do seu aparato de repressão e manipulação. A única saída para as classes oprimidas é “encontrar na própria sociedade que nos rodeia, educar e organizar para a luta, os elementos que possam — e, pela sua situação social, devam — formar a força capaz de varrer o velho e criar o novo.”

O Partido Bolchevique

É impossível separar Lênin, e sua teoria, da história do partido mais revolucionário que já existiu e que foi protagonista na maior revolução que vimos até hoje. Sem Lênin e os bolcheviques, a história da Rússia seria completamente diferente.

As classes dominantes não perdoam essa ousadia que colocou em xeque o regime da propriedade privada dos grandes

meios de produção. Por isso, diferente de Marx, que é reconhecido pela burguesia por sua teoria capaz de explicar o capitalismo — considerando apenas um “Marx teórico” e apagando seu lado militante —, Lênin é odiado pelas classes possuidoras, e alvo das mais variadas calúnias.

Em 1901, a “Liga da Emancipação da Classe Operária”, que reunia Jorge Plekhánov, Vera Zasluchich, Pavel Axelrod, Lênin e Martov, lançou o jornal Iskra (A Faisca) anunciando seu objetivo de “construir o desenvolvimento e organização da classe operária”⁴.

Do combate anunciado no Iskra, surgiu, em 1902, a primeira obra de Lênin sobre o problema do partido, “O Que Fazer?”, na qual ele defende abertamente, na luta contra os economicistas, a necessidade de um partido operário “integrado por revolucionários profissionais”. Ele argumenta que a arma principal do proletariado frente à polícia do Estado czarista é a “organização rigorosamente centralizada, sólida, disciplinada e o mais secreta possível, de uma série de militantes clandestinos”. “O partido deve conceber”, para Lênin, “como ‘a ponta de lança da revolução’, como o estado maior e a vanguarda da classe operária”⁵.

Esse embate travado no seio do Partido Operário Social-Democrata Russo (POSDR) resultará na sua cisão em duas frações, bolcheviques e mencheviques:

“Lênin compreendeu que tal partido necessitava ser construído antes que eclodissem os acontecimentos revolucionários. Certamente não poderia ser improvisado ou lançado espontaneamente durante uma revolução, pois seria tarde demais.”⁷

A Revolução Russa de 1905 comprovou o acerto dessa posição. Os bolcheviques, comandados por Lênin, seguiram a linha da criação de um partido centralizado, disciplinado e que levou a classe operária ao poder em outubro de 1917.

A guerra imperialista e os horrores do Capital

A eclosão da Primeira Guerra Mundial, em 1914, colocou todos os partidos operários existentes à prova, e poucos foram os revolucionários que defenderam a posição correta diante da carnificina levada a cabo pelas principais potências imperialistas da época. Entre eles, estavam Lênin e Trotsky, na Rússia, Rosa Luxemburgo e Karl Liebknecht, na Alemanha, os líderes dos socialdemocratas sérvios, James Connolly, na Irlanda, e John Maclean, na Escócia.

A posição dos dirigentes da Segunda Internacional de apoiar a aprovação dos créditos de guerra — isto é, de-

fesa de suas burguesias nacionais na guerra — significou de fato o colapso da Internacional. Essa foi a maior traição na história do movimen-



Batalha de Doberdò durante a Primeira Guerra Mundial



Ilustração sobre Aaron Bushnell, jovem que ateou fogo a si mesmo

EDITORIAL

to internacional dos trabalhadores.

Os comunistas eram aqueles que, segundo Lênin, se posicionavam contra a guerra em curso, ao mesmo tempo, dos pacifistas burgueses e pequeno burgueses que condenavam a guerra de forma abstrata. Isso porque Lênin via a ligação inevitável das guerras com a luta de classes no interior de cada país. Para ele, suprimir “as guerras sem a supressão das classes e a edificação do socialismo”⁷⁸ era impensável e era necessário agir pela transformação da guerra imperialista em guerra civil, cujo objetivo é a emancipação dos oprimidos contra seus opressores. Ele colocava a questão da seguinte forma:

“Reconhecemos inteiramente o caráter legítimo, progressista e necessário das guerras civis, isto é, das guerras da classe oprimida contra a classe opressora, dos escravos contra os escravistas, dos

*camponeses servos contra os senhores feudais, dos operários assalariados contra a burguesia.”*⁷⁹

Sua aversão ao pacifismo o colocou em movimento. Enquanto a maioria dos socialistas contrários à traição da Segunda Internacional se perdeu em lamentações sobre os horrores da guerra, Lênin agiu no sentido de reorganizar o movimento operário internacional a partir das consignas revolucionárias que colocariam soldados, operários e camponeses na luta por pão, paz e terra.

De acordo com Lênin, esse conflito se resolveria em um primeiro momento na arena nacional, mas para ser vitoriosa a revolução socialista precisava ser acima de tudo internacional. Lênin jamais defendeu a tese de socialismo em um só país. A aversão a qualquer tipo de ideia semelhante está presente em sua obra e

A época imperialista do capitalismo também a época em que revolução e contrarrevolução encontram-se na ordem do dia. Para livrar os oprimidos, as classes despossuídas da miséria, da guerra e da exploração, é preciso agir como Lênin e os bolcheviques

em suas ações, pois foi Lênin, junto de Trotsky, quem deu os passos iniciais rumo à criação de uma nova Internacional, a Internacional Comunista, após a falência de Segunda Internacional.

Lênin vive!

O ano de 2024 marca o centenário da morte de Lênin, no entanto:

*“O que havia de imortal em Lênin, os seus ensinamentos, o seu trabalho, os seus métodos, o seu exemplo – vive em nós, neste Partido que criou, neste primeiro Estado operário à cabeça do qual se encontrou e que ele dirigiu.”*⁸⁰

Recordar Lênin é fundamental para a compreensão de que enquanto estivermos vivendo em uma sociedade baseada na exploração de uma classe sobre a outra, vidas como a de Aaron Bushnell ou de milhares de palestinos continuarão a ser sacrificadas, o meio ambiente continuará sendo destruído, guerras seguirão sendo fomentadas e a classe trabalhadora será cada vez mais explorada.

A época imperialista do capitalismo, dos grandes monopólios, do capital financeiro, é

também a época em que revolução e contrarrevolução encontram-se na ordem do dia. Para livrar os oprimidos, as classes despossuídas da miséria, da guerra e da exploração, é preciso agir como Lênin e os bolcheviques, construir um partido revolucionário capaz de conectar-se com as massas e apontar o caminho para a tomada do poder em suas mãos.

Se as imagens dos minutos finais da vida de Aaron Bushnell, do horror em Gaza, e de tantos outros crimes do Capital lhe indignam, transforme essa indignação em organização, junte-se a nós, e seja um comunista. Lute conosco e transforme o mundo em que vivemos. Venha aprender com Marx, Engels, Lênin, Trotsky e com as experiências da classe operária ao longo da história para construir uma sociedade comunista.

TEORIA

Ascensão e queda da Internacional Comunista

TED GRANT

Traduzido por Fabiano Leite

Apresentamos aqui extratos do artigo de Ted Grant publicado em 1942, por ocasião da dissolução da 3ª Internacional por Stalin através de um telegrama. Ele evidencia o abandono da concepção e das políticas formuladas por Lênin no período de 1919-1924. Cem anos depois da morte deste grande revolucionário, retomar seus ensinamentos continua sendo uma tarefa para realizarmos a tarefa a que ele apenas pôde começar: derrubar o capitalismo e abrir caminho para o futuro comunista da humanidade. O artigo completo está disponível no site da OCI. A tradução é de Fabiano Leite.

A 3ª Internacional foi oficialmente enterrada. Da maneira mais indigna e desprezível que se possa conceber, ela saiu do palco da história. Apresadamente e sem consultar todos os partidos aderentes, para não falar das bases em todo o mundo, sem qualquer discussão e decisão democrática, como resultado da pressão do imperialismo americano, Stalin abandonou perfidamente o Comintern. [...]

Já no início da última guerra, Lênin corajosamente lançou o chamado para a 3ª Internacional. Formalmente inaugurada em março de 1919, suas intenções e objetivos declarados eram a derubada do capitalismo mundial e a construção de uma cadeia mundial de repúblicas socialistas soviéticas unidas à URSS,

que em si não foi concebida como uma entidade independente, mas meramente como base para a revolução mundial. Seu destino estaria determinado e ligado ao destino da revolução mundial. [...]

A última guerra não conseguiu resolver nenhum dos problemas do capitalismo mundial. Na verdade, os agraçou. O capitalismo havia se rompido em seu “elo mais fraco”, como Lênin expressou. As tentativas de destruir a jovem República Soviética pelas guerras de intervenção fracassaram completamente. O capitalismo alemão, o mais poderoso da Europa, viu-se despojado de seus recursos, de parte de seu território, sobrecarregado com pagamentos assombrosos de reparações de guerra e, no geral, foi colocado em uma posição de impossibilidade. Os imperialistas britânicos e franceses, os “vencedores” da última guerra mundial, não estavam em uma posição muito melhor.

Encorajadas pela Revolução Russa, as massas coloniais e semicoloniais se agitavam e se preparavam para a revolta. [...] Mas, infelizmente, a direção da Internacional não conseguiu resistir à pressão do imperialismo americano, Stalin abandonou perfidamente o Comintern. [...]

Stalin, com seu oportunismo orgânico, pediu que o partido alemão fosse “impedido” de tomar qualquer atitude. O resultado foi que a oportunidade favorável de tomar

O sucesso na Alemanha levaria inevitavelmente à vitória em toda a Europa. Contudo, assim como na Rússia de 1917, também na Alemanha de 1923, setores da direção vacilaram

o poder na Alemanha foi perdida e os comunistas na Alemanha sofreram uma derrota. Por razões semelhantes, a revolução na Bulgária também naufragou. Mas as derrotas da revolução na Europa causadas pelo fracasso da direção inevitavelmente levaram a sérias consequências. Como Lênin havia escrito, insistindo na necessidade de se preparar para a insurreição, na Rússia em 1917: “O sucesso da Revolução Russa e mundial depende de dois ou três dias de luta”.

O fracasso da revolução mundial e o isolamento da União Soviética, somados ao seu atraso, ao cansaço e à apatia das massas soviéticas, que passaram por anos de guerra, terríveis privações e sofrimentos durante a guerra civil e a intervenção, à sua desilusão e desespero com o fracasso de suas esperanças de ajuda dos trabalhadores da Europa. Tudo isso levou inevitavelmente a uma reação dentro da URSS.

Refletindo na época, talvez inconscientemente, os interesses da burocracia reacionária e conservadora que estava apenas começando a se elevar acima das massas

NOTAS E REFERÊNCIAS

- ¹ **Secretary Antony J. Blinken and United Kingdom Foreign Secretary David Cameron at a Joint Press Availability.** Disponível em: <<https://www.state.gov/secretary-antony-j-blinken-and-united-kingdom-foreign-secretary-david-cameron-at-a-joint-press-availability/>>.
- ² **LÊNIN, Vladimir Ilíich. Esquerdismo: Doença Infantil do Comunismo.** Disponível em: <<https://www.marxists.org/portugues/lenin/1920/esquerdismo/index.htm#topp>>.
- ³ **LÊNIN, Vladimir Ilíich. As Três Fontes e as Três partes Constitutivas do Marxismo.** Disponível em: <<https://www.marxists.org/portugues/lenin/1913/03/tresfont.htm>>.
- ⁴ *Ibid.*
- ⁵ **BROUÉ, Pierre. O Partido Bolchevique.** Disponível em: <<https://www.marxists.org/portugues/broue/1960/partido/index.htm>>.
- ⁶ *Ibid.*
- ⁷ **SEWELL, Rob. Lenin: 100 Anos Depois.** Disponível em: <<https://www.luchadeclasses.org/lenin-100-anos-despues/>>.
- ⁸ **LÊNIN, Vladimir Ilíich. O Socialismo e a Guerra.** Disponível em: <<https://www.marxists.org/portugues/lenin/1915/guerra/index.html>>.
- ⁹ *Ibid.*
- ¹⁰ **TROTSKY, Leon. Mensagem de Trotskî após a morte de Lênin.** Disponível em: <<https://www.marxismo.org.br/mensagem-trotsky-apos-a-morte-de-lenin/>>.



ESTÁ NO AR!



FOICE & MARTELO

O PODCAST DA OCI

O primeiro episódio, sobre “O Estado e a Revolução” de Lênin, já está disponível! Acesse pelo QR CODE ou pelas plataformas de streaming.



TEORIA

soviéticas, Stalin apresentou pela primeira vez em 1924 a teoria utópica e antileninista do “socialismo em um só país”. Essa “teoria” brotou diretamente da derrota sofrida pela revolução na Alemanha. Indicava um afastamento dos princípios do internacionalismo revolucionário sobre os quais a Revolução Russa havia se baseado e sobre os quais a Internacional Comunista foi fundada.

[...] Trotsky, junto com Lênin, que nos últimos anos de vida se preocupava com o desenvolvimento da situação, já tinha começado a luta contra a burocratização do Partido Bolchevique e do Estado Soviético em 1923. Lênin alertou para os riscos de degeneração que ameaçavam o Estado soviético.

No contexto da crescente reação nacional e internacionalmente, a luta entre os internacionalistas e os termidorianos entrou numa fase aguda. Trotsky, em aliança com Lênin, exigiu a restauração da democracia completa dentro do Partido Bolchevique e dos soviets. Lênin, em busca desse objetivo, exigiu a remoção de Stalin do cargo de secretário-geral do partido porque ele estava se tornando o ponto focal em torno do qual a burocracia se solidificava.

Após a morte de Lênin, Zinoviev, Kamenev e Stalin, “a troika”, obtiveram uma decisão desrespeitando o conselho de Lênin ao Comitê Central e iniciaram uma campanha contra as ideias de Lênin que estavam sendo defendidas por Trotsky, com a invenção da lenda do “trotskismo”. O destino da Comintern estava ligado ao destino do Partido Bolchevique da União Soviética que, por seu prestígio e experiência, era naturalmente a força dominante na Internacional.

A transição da política da revolução mundial para a do socialismo em um só país expressou uma guinada acentuada à direita na Comintern. [...] A política da Comintern foi agora empurrada para a direita dada a preocupação de Stalin em encontrar aliados para “defender a União Soviética de ataques”. A Comintern já estava sen-

Trotsky, em aliança com Lênin, exigiu a restauração da democracia completa dentro do Partido Bolchevique e dos soviets. Lênin, em busca desse objetivo, exigiu a remoção de Stalin do cargo de secretário-geral do partido porque ele estava se tornando o ponto focal em torno do qual a burocracia se solidificava

do reduzido ao papel de guarda de fronteira. As divergências dentro do Partido Bolchevique e da Internacional explodiram sobre a questão da Revolução Chinesa e a situação na Grã-Bretanha. [...]

As massas soviéticas ficavam ainda mais desanimadas e desiludidas com essas novas derrotas do proletariado internacional e sofreram um novo declínio de ânimo. As derrotas, que foram consequência direta da política de Stalin e da burocracia, fortaleceram ainda mais o seu domínio sobre a União Soviética. A Oposição de Esquerda liderada por Trotsky, que havia analisado e previsto corretamente esses desenvolvimentos, foi então expulsa do Partido Bolchevique e da Internacional.

Os resultados internos da política de Stalin co-

meçaram a dar frutos no crescimento alarmante da força e influência dos kulaks e dos nepmen. A União Soviética estava à beira do desastre. Em pânico e terror, Stalin e a burocracia foram compelidos a adotar uma caricatura da mesma política pela qual Trotsky e seus correligionários haviam sido expulsos. Na Rússia, foram introduzidos os planos quinquenais contra os quais Stalin havia lutado tão vigorosamente antes.

Foi com base nessa produção planejada que a União Soviética alcançou seus maiores êxitos e na qual a atual União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) se baseia na guerra. Enquanto isso, a virada em pânico para a esquerda internamente se refletiu em uma virada em pânico para a esquerda internacionalmente. Stalin queimou seriamente os dedos em suas tentativas de apoiar-se em elementos capitalistas na China e de conciliar com a social-democracia. Agora, ele desviava bruscamente a Internacional na direção oposta.

Em violação de seus estatutos, a Internacional não realizou uma só conferência durante quatro anos. Foi convocada uma nova conferência que apresentou oficialmente o programa da Internacional Comunista. Também proclamou o fim da estabilidade capitalista e o início do que foi chamado de “Terceiro Período”. Isso deveria inaugurar o período do colapso final do capitalismo mundial.

Ao mesmo tempo, a social-democracia, de acordo com a outrora famosa

e agora enterrada teoria de Stalin, deveria ter se transformado em “social-fascismo”. [...] Foi justamente nesse período que a crise sem precedentes de 1929-1933 afetou o mundo. Em particular, atingiu a Alemanha. [...]

Apesar de sua expulsão da Internacional Comunista, Trotsky e seus seguidores ainda se consideravam parte dela e exigiam insistentemente que lhes fosse permitido retornar às fileiras. Ao mesmo tempo, submeteram a teoria suíça, agora adotada pela Comintern, a uma dura crítica. Em seu lugar, exigiram um retorno à política leninista realista da frente única como meio de ganhar as massas na ação e, através de sua própria experiência, ao comunismo. [...]

Por instruções e ordens diretas de Stalin e da Comintern, o Partido Comunista Alemão denunciou essa política como uma política contrarrevolucionária “socialfascista”. Eles lutaram insistentemente contra a social-democracia como o “principal inimigo” da classe trabalhadora e argumentaram que não havia diferença entre democracia e fascismo. Em setembro de 1930, o Rote Fahne, órgão do PC alemão, proclamou: “Ontem à noite foi o melhor dia de Herr Hitler, mas a chamada vitória eleitoral dos nazistas é o começo do seu fim” [15 de setembro de 1930].

Ao longo desses anos, a Comintern continuou seu curso fatal. Quando Hitler organizou um referendo em 1931

A União Soviética estava à beira do desastre. Em pânico e terror, Stalin e a burocracia foram compelidos a adotar uma caricatura da mesma política pela qual Trotsky e seus correligionários haviam sido expulsos

para derrubar o governo social-democrata na Prússia, por insistência direta de Stalin e da Comintern, os comunistas alemães votaram com os nazistas contra os social-democratas. Ainda em maio de 1932, o British Daily Worker podia acusar orgulhosamente os trotskistas por sua política na Alemanha da seguinte forma:

“É significativo que Trotsky tenha saído em defesa de uma frente única entre partidos comunistas e social-democratas contra o fascismo. Nenhuma liderança de classe mais destrutiva e contrarrevolucionária poderia ter sido dada em um momento como o atual.”

Enquanto isso, Trotsky havia escrito quatro panfletos e dezenas de artigos e manifestos; em todos os lugares, os trotskistas internacionais exploraram todos os caminhos para exercer pressão sobre a Comintern para mudar sua política em vão. Em janeiro de 1933, Hitler foi capaz de tomar o poder sem qualquer oposição organizada em um país com a classe trabalhadora mais altamente organizada e com o Partido Comunista mais forte do mundo fora da Rússia.

Pela primeira vez na história, a reação conseguiu conquistar o poder sem qualquer resistência por parte da classe trabalhadora. [...] Mas a Comintern estava longe de reconhecer a natureza da catástrofe. Em vez disso, endossou solenemente a política do PC alemão e da Internacional como sendo perfeitamente correta. [...]

60 ANOS DO GOLPE



60 anos da Ditadura e as lições para o presente

Durante o mês de março, publicaremos uma série de artigos em nosso site analisando o Golpe de 1964, o papel do imperialismo, a tática de guerrilhas entre outros aspectos da ditadura militar fundamentais para a compreensão da história e para guiar a luta contra o Capital hoje

Evento central na história do Brasil, o golpe de 1964, que colocou em cena uma articulação burguesa e militar apoiada pelo imperialismo para esmagar as lutas e organizações dos trabalhadores, deve ser estudado e analisado em todas as suas contradições.

O golpe de 1964 derrubou o governo do presidente João Goulart, que havia sido eleito defendendo o programa centrado nas “reformas de base”, colocado como prioridade quando assumiu a presidência, após a renúncia do presidente Jânio Quadros, em setembro de 1961. Tratava-se de um conjunto de medidas que tinham como objetivo reestruturar as instituições políticas, jurídicas e econômicas do país, mas que, contraditoriamente, apesar de seus limites, se chocavam com os interesses da burguesia e do imperialismo.

Entre as principais reformas estavam a agrária, a administrativa, a constitucional, a eleitoral, a bancária, a tributária e a universitária. Eram propostas de reforma do capitalismo dentro de uma perspectiva nacionalista. No Comício da Central, em 13 de março de 1964, João Goulart afirmava:

“O caminho das reformas é o caminho do progresso e da paz social. Reformar, trabalhadores, é solucionar pacificamente as contradições de uma ordem econômica e jurídica superada, inteiramente superada pela realidade dos momentos em que vivemos.”

Em sua maioria, a burguesia nativa era aliada dos interesses imperialistas. Por sua vez, os latifundiários não estavam dispostos a entregar suas terras, mesmo mediante indenização, abrindo a perspectiva de embates violentos no campo. O programa de Goulart, ainda que o presidente não o desejasse, era uma declaração de guerra aos interesses burgueses e só poderia ser aplicado afetando os interesses do imperialismo.

O Partido Comunista Brasileiro (PCB), dentro de sua perspectiva de “revolução por etapas” e de que no Brasil ainda existia um modo de produção com características semifeudais, apontava um caráter estratégico para as “reformas de base”, ou seja, não seriam apenas uma ferramenta para a mobilização dos trabalhadores, mas um objetivo a ser alcançado pela classe. Luís Carlos Prestes, principal liderança do partido,

afirmava em março de 1964, depois do Comício da Central:

“Lutar pelo socialismo é lutar pela vitória da revolução nacional e democrática e acabar com os obstáculos que impedem o progresso de nosso país, é lutar pela expulsão de nossa terra dos monopólios imperialistas, é lutar pela revolução agrária. Temos consciência que é assim que estamos lutando pelo socialismo.”

Nessa lógica, seria preciso fazer uma revolução burguesa que consolidasse o Brasil como nação capitalista e, numa etapa posterior, lutar pelo socialismo. Contudo, nas primeiras décadas do século, ainda que sem fazer uma revolução burguesa aos moldes dos países europeus, o Estado brasileiro cumpriu o papel de fomentar a industrialização e diversificar os diferentes ramos da economia. No Brasil, na década de 1960, conviviam formas de produção das mais diversas, com regiões e ramos da economia atrasados ao lado de uma indústria com setores avançados. Como consequência desse desenvolvimento desigual e combinado, colocavam-se tensões internas que poderiam se chocar com os interesses imperialistas. O

golpe seria a única forma de resolver essas tensões e permitir a execução de um desenvolvimento atrelado ao imperialismo.

Nesse contexto, para os militares, colocava-se no horizonte a defesa da segurança nacional, que, no âmbito interno, estaria ameaçada por João Goulart, seus apoiadores e pelos partidos de esquerda. No Exército, a maioria dos oficiais tinha se formado em meio ao combate contra o PCB e contra Prestes, que carregava uma aura de militar encabeçaram um projeto de desenvolvimento marcado pela repressão e pela subserviência ao imperialismo. O processo que levou ao golpe mostra a necessidade da organização independente dos trabalhadores, que coloque como elemento estratégico o combate à ordem capitalista e a defesa da revolução.

Em 12 de setembro de 1963, ocorreu a Revolta dos Sargentos, que ocuparam prédios governamentais em Brasília, sendo rapidamente contidos. Em 1964, a situação de instabilidade política se agravou, diante do descontentamento da burguesia com a instabilidade política e a ameaça de realização das medidas previstas nas reformas de base.

O golpe veio em 31 de março de 1964. Com a vitória dos golpistas, os militares encabeçaram um projeto de desenvolvimento marcado pela repressão e pela subserviência ao imperialismo. O processo que levou ao golpe mostra a necessidade da organização independente dos trabalhadores, que coloque como elemento estratégico o combate à ordem capitalista e a defesa da revolução.

NOTAS E REFERÊNCIAS

¹ João Goulart. *Discurso no comício da Central. In: Carlos Fico. Além do golpe. Rio de Janeiro: Record, 2004, p. 286.*

² *Novos Rumos, n. 264, 20-26 mar. 1964, p. 3.*

³ *A Revolução de 31 de março. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1966, p. 6.*



Detalhe de propaganda da Internacional Comunista feita pelo Partido Comunista da União Soviética em 1919

A luta pelo direito ao aborto na Argentina e em todo o mundo

FRANCINE HELLMANN

Está em curso na Argentina um novo ataque contra o direito das mulheres à autodeterminação de seus corpos. No início de fevereiro, deputados do partido "A Libertad de Avanza", do presidente Javier Milei, apresentaram um projeto para revogar a lei que permite a interrupção voluntária da gravidez até a 14ª semana.

Este direito foi aprovado no país em 2021, fruto de uma histórica luta da classe trabalhadora argentina e das manifestações massivas que ficaram conhecidas como "Marea Verde", nas quais eram usados os famosos "pañuelos verdes".

Três anos depois desta conquista, Milei e seus correligionários querem criminalizar com pena de prisão as mulheres que optam pelo aborto assim como os procedimentos. O projeto apresentado descarta até

mesmo a possibilidade de interrupção da gravidez em casos de estupro.

Historicamente, o debate sobre o aborto está inserido na luta de classes. Este é um direito da mulher, que envolve não apenas o poder de decidir sobre o seu próprio corpo, mas também uma séria questão de saúde pública. Isso porque, segundo dados de 2022 da OMS, todos os anos morrem no mundo cerca de 39 mil mulheres e milhões são hospitalizadas com complicações causadas por abortos inseguros. A maioria dessas mortes acontece em países de renda baixa e em populações vulneráveis.

Fomentar movimentos contrários à legalização do aborto, por sua vez, é uma forma de governos como Milei se conectarem com a parcela mais conservadora da sociedade, a partir de preconceitos de uma suposta defesa da vida do feto, em detrimento da vida das mulheres.

Não é coincidência que esta proposta tenha sido apresen-

tada na Argentina justamente nos dias em que o presidente encontra dificuldades para aprovar a chamada "Lei Omnibus" – megapacote de recortes sociais e privatizações –, com o país estourando em manifestações e descontentamentos.

Algo parecido foi visto nos Estados Unidos, em junho de 2022, quando a Suprema Corte do país (com o reforço de três ministros indicados por Trump) derubou a proteção constitucional do direito ao aborto. Anteriormente, este direito era apoiado por uma decisão de 1973 conhecida como *Roe x Wade*.

Em última análise, estes ataques estão ligados à crise do capitalismo, que promove austeridade e retrocede em décadas direitos conquistados pela classe trabalhadora de todo o mundo.

Assim, enquanto enfrentam a consequente revolta e radicalização dos trabalhadores em vários países, certas alas da classe dominante buscam fortalecer sua base fomentando a ignorância e o preconceito.

Seja na Argentina, nos Estados Unidos ou no Brasil, os políticos que promovem leis antiaborto não são a favor da vida, mas a favor de votos. Se assim fosse, sua maior preocupação não seria a proibição da

interrupção voluntária da gravidez, mas a garantia de saúde pública, gratuita e para todos.

O que aprendemos com a história?

O poder de escolha da mulher sobre quando e se deseja ter filhos é um direito ligado às liberdades individuais. Ou seja, ele deveria compor as garantias formais em que se baseia a democracia burguesa.

No entanto, o fato de o atual sistema não conseguir garanti-lo verdadeiramente diz muito sobre o que ele ainda tem a oferecer à sociedade. A verdade é que o capitalismo há muito deixou de ser progressista, tornando-se justamente o seu contrário e lançando a humanidade cada vez mais à barbárie.

Assim, vemos na história da descriminalização do aborto no mundo que esta conquista nunca veio sem uma forte mobilização das mulheres apoiadas pelo movimento operário. Da mesma forma, nos países em que este direito já foi conquistado, ele precisa ser constantemente defendido de ataques, como mostram os exemplos dos EUA e da Argentina.

O aborto sempre foi considerado errado pela Igreja Católica, mas somente em 1869 foi realmente proibido, com a pena máxima de excomunhão

latae sententiae, ou seja, automaticamente. Esta interdição foi dada pelo Papa Pio 9º, por pressão política de Napoleão 3º, porque a população da França estava em declínio. Antes, a condenação do aborto pela Igreja tinha muito mais a ver com a utilização do sexo para fins que não fossem reprodutivos e dentro do casamento. A partir de Pio 9º, cristalizou-se a visão atual da Igreja, de que a vida começa na concepção e deve ser protegida depois disso. Na tradição judaica, por exemplo, o feto é parte do corpo da mãe.

A não separação entre a Igreja e o Estado foi o que tornou o aborto ilegal em muitas partes do mundo. O primeiro país a superar isso e legalizá-lo foi justamente a União Soviética (URSS), em 1920, na esteira da Revolução Russa de 1917. Isso aconteceu há mais de 100 anos, em uma economia atrasada e numa sociedade profundamente religiosa.

Além do direito ao aborto, disponibilizado gratuitamente no sistema público de saúde, com a Revolução Russa as mulheres conquistaram uma das leis de divórcio mais progressistas do mundo até hoje, a licença maternidade remunerada, entre outros direitos.

Mesmo que mais tarde a burocracia tenha usurpado o poder da classe trabalhadora na URSS, diversas conquistas da revolução perduraram. Especificamente sobre o direito ao aborto, o stalinismo o revogou em 1936 e novamente permitiu em 1955.

O *Center for Reproductive Rights* mantém um mapa das leis de aborto em todo o mundo e em tempo real. Nele, percebe-se que os lugares onde existem mais restrições do direito ao aborto são países que foram colonizados pelas potências capitalistas e que seguem sendo dominados.

Em Cuba, a interrupção voluntária da gravidez tornou-se um direito legal em 1965, uma década antes da maior parte dos países europeus.

Na França, a descriminalização foi instituída em 1975, sendo uma das maiores conquistas após 1968. A Lei Veil, como ficou conhecida, foi o fruto de anos de luta envolvendo movimentos de mulheres, organizações pela liberdade do aborto e da contracepção, sindicatos estudantis e médicos.

Fato conhecido que influenciou nesta conquista, em 5 de abril de 1971, a capa do *Nouvel Observateur* publicou, em letras maiúsculas sobre fundo preto: "A lista das 343 francesas que tiveram a coragem de assinar o manifesto 'EU FIZ UM ABORTO'". Dentre elas, personalidades famosas, militantes de movimentos de mulheres e simples trabalhadoras.

Atualmente, tramita no Congresso francês uma proposta que tornaria o país o primeiro do mundo a realmente garantir o direito das mulheres ao aborto, não apenas descriminalizando, mas incluindo esta garantia na Constituição.

Na Alemanha, houve uma considerável amenização das punições para a prática de aborto em 1926, durante República de Weimar. Nesta época, ele deixou de ser considerado crime para ser considerado apenas infração. Ainda que este governo tenha sido a materialização da traição da socialdemocracia ao levante proletário de 1918-1919, ele herdou as conquistas e reivindicações da revolução e precisava responder aos anseios dos jovens e trabalhadores.

Este avanço em relação ao direito ao aborto na

Alemanha foi revertido em 1933-1934, pelo regime nazista. Depois da 2ª Guerra Mundial, o aborto se manteve ilegal nas duas Alemanhas. A Alemanha Ocidental consolidou a proibição ao aborto com leis próprias em 1927, enquanto que a Alemanha Oriental abriu exceções para alguns casos em 1950.

Em junho de 1971, seguindo o exemplo francês, a revista *Stern*, da Alemanha Ocidental, também publicou uma matéria de capa com o título "Nós abortamos". Foram mencionados os nomes de 374 mulheres, e algumas tiveram até mesmo sua foto publicada na capa.

Em 1972, a Alemanha Oriental legalizou o aborto até as primeiras 12 semanas de gestação. A Alemanha Ocidental seguiu o exemplo em 1974, mas a lei foi derrubada.

No início da década de 1990, a reunificação das Alemanhas Oriental e Ocidental após a queda do Muro de Berlim exigiu uma lei única. Até hoje, o país segue uma legislação confusa, mas tecnicamente o aborto é permitido até o final do primeiro trimestre de gestação com a obrigatoriedade de acompanhamento psicológico. O fato é que esta conquista também é resultado de muita luta, desde a Revolução Russa e passando pela Revolução Alemã.

Também nos EUA, antes da decisão *Roe x Wade*, foram as mulheres do movimento dos Direitos Cívicos que iniciaram a luta pelo aborto legal, principalmente em Washington. Elas sabiam bem o perigo dos abortos clandestinos, sobretudo entre as mulheres pobres e negras. Também em 1968, ano em que as insurreições populares varriam o globo, um pequeno grupo de ativistas negras formaram uma coligação chamada *Abortion Action Now* e lançaram uma poderosa campanha pública.

A história está cheia destes exemplos. Se nos debruçarmos sobre como o direito ao aborto foi conquistado em diversos países chegaremos sempre ao denominador comum da luta de classes. Assim foi no México em 2021, no Uruguai em 2012, na Irlanda em 2018, na Argentina em 2020, entre muitos outros países.



Mapa das leis de aborto em todo o mundo e em tempo real

E no Brasil?

O Código Penal Brasileiro trata como criminosos tanto a mulher que aborta quanto o médico que realiza o procedimento, mesmo com consentimento. As exceções, que nem sempre são cumpridas, são para três casos: quando a gravidez é resultado de violência sexual, quando há risco de vida para a gestante e quando o feto é anencefalo.

Mesmos nestas situações extremas, muitas mulheres vivem horrores para conseguir realizar um aborto legal no país. Não são raros casos como o de uma menina de 11 anos em Santa Catarina, que em 2022 engravidou ao ser estuprada e teve toda a condução do processo judicial com fortes violações psicológicas.

No mesmo ano, outra menina de 12 anos, do Piauí, que já estava grávida pela segunda vez em decorrência de ser estuprada pelo tio, teve o aborto legal dificultado pela Justiça.

Também no Piauí, em janeiro de 2024, uma médica que acompanhou o aborto legal de outra menina de 12 anos estuprada pelo padrasto publicou mensagens na rede social X que geraram revolta:

"Ontem no meu plantão uma menina de 12 anos estava em processo de aborto legal devido a violência sexual. Expeliu o bebê de 14 semanas, todo formadinho. Não era um amontoado de células, era uma vida inocente que foi tirada. Um crime não apaga outro.", escreveu a

residente em ginecologia e obstetrícia.

Além de todas essas dificuldades impostas pelo sistema Judiciário e pela própria rede pública de saúde, mesmo os frágeis direitos já conquistados são constantemente atacados. Foi o que vimos no governo Bolsonaro, com a publicação da Portaria nº 2.282/2020, revogada em janeiro deste ano pelo Ministério da Saúde. Esta portaria obrigava a equipe médica a comunicar à polícia, mesmo sem consentimento da mulher, quando uma vítima de estupro desejasse realizar o aborto.

Em setembro de 2023, pouco antes de se aposentar, a ministra do STF Rosa Weber trouxe à tona uma ação de 2017 do PSOL que defendia a descriminalização do aborto. Relatora da ação, a magistrada votou a favor, mas o ministro Luís Roberto Barroso travou o julgamento no plenário virtual para levá-lo ao plenário físico da Corte, o que não tem data para acontecer.

É preciso lembrar ainda que a defesa do direito

ao aborto está entre as reivindicações da CUT e do PT desde a sua fundação. No entanto, o tema segue sendo letra morta, mesmo após tantos anos de governo petista.

Aqui, como em todas as partes do mundo, o direito da mulher à decisão sobre o seu corpo só será conquistado plenamente com a luta organizada nos métodos da classe operária, tomando as ruas, realizando greves e manifestações, em caminho a uma revolução socialista.

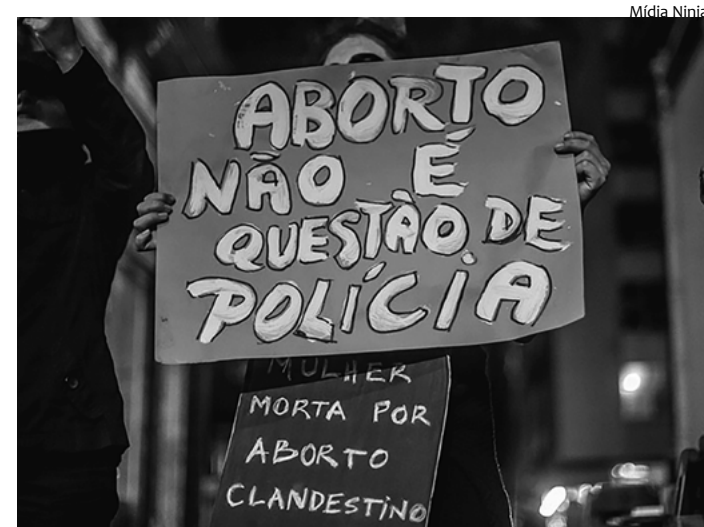
Os comunistas defendem que o aborto não deve ser tratado como uma questão moral e religiosa, mas como uma questão de saúde pública. A mulher deve ter direito a decidir pela gestação ou não, e o Estado, uma vez laico, deve garantir os meios para ampará-la na sua decisão. Se você concorda, então organize-se!

Pela legalização do aborto e laicização das decisões do Estado!

Por saúde pública, estatal, gratuita e para todos!



Lara Va



Mídia Ninja



A farsa eleitoral nos EUA e a organização dos comunistas

MICHEL GOULART
DA SILVA

Teve início o processo eleitoral para a presidência dos Estados Unidos, com as prévias do Partido Republicano, em Iowa, no dia 15 de janeiro. Os partidos em um primeiro momento realizam prévias, em que fazem consulta à sua base de apoiadores para a escolha do candidato que irá concorrer ao pleito, a ser realizado em 5 de novembro deste ano. Nessa corrida, os dois grandes partidos, o Democrata e o Republicano, devem escolher como seus representantes, respectivamente, Joe Biden, atual presidente dos Estados Unidos, e Donald Trump, candidato derrotado no último pleito em sua tentativa de reeleição. Essa conjuntura colocou para os comunistas a necessidade de consolidar suas forças e avançar no processo de reorganização das forças dos trabalhadores, que vem ocorrendo nos últimos anos

Biden, eleito em 2020 com a promessa de mudança e de melhoria das condições de vida da população, vive um profundo processo de rejeição justamente pela não realização das promessas. Isso se dá diante de questões bastante concretas e objetivas, como a continuidade da inflação ou o aumento da dívida média das famílias. Uma pesquisa divulgada recentemente mostra Trump com uma pequena vantagem contra Biden, contando com 43,9% das intenções de voto contra 42,3%.

Nesse cenário, procura-se construir a unidade interna dentro do

Partido Democrata para mostrar força contra o avanço da candidatura Trump. O fantasma do retorno de Trump parece unir a esmagadora maioria dos dirigentes do partido, inclusive dos setores pretensamente socialistas, como o senador Bernie Sanders e a deputada Alexandria Ocasio-Cortez, do Socialistas Democráticos da América, grupo interno do Partido Democrata. “A última coisa de que este país precisa é de Donald Trump ou de outro demagogo de extrema-direita a tentar sabotar a democracia americana”, afirmou Bernie Sanders, decla-

Biden, eleito em 2020 com a promessa de mudança e de melhoria das condições de vida da população, vive um profundo processo de rejeição justamente pela não realização das promessas

rando apoio à reeleição de Biden, ainda em abril de 2023.

Trump, por sua vez, embora tenha controle

sobre o aparato do Partido Republicano, vem encontrando dificuldades para legitimar sua candidatura. Prévia após prévia, os demais candidatos vêm desistindo da disputa, inclusive o governador da Flórida, Ron DeSantis, nome até então considerado uma esperança por parte de dirigentes do partido em torno a uma candidatura que representasse um “trumpismo sem Trump”. Quem segue na disputa é Nikki Haley, ex-governadora da Carolina do Sul, que vem perdendo todas as disputas internas, inclusive no último dia 6, em Nevada, quando Trump sequer estava na cédula de votação e a maioria dos apoiadores republicanos optou por “nenhum dos candidatos”.

Mesmo vitorioso nas prévias do partido, Trump terá de enfrentar dois outros problemas. O primeiro, jurídico, diante da possibilidade de anulação de sua candidatura, ainda em julgamento, em que se aponta a sua participação na

invasão do Capitólio, em 6 de janeiro de 2021. O outro problema é político, afinal cerca de 32% dos eleitores do partido declaram que não votariam em Trump, caso ele venha a vencer a indicação, e somente 49% afirma apoiar o slogan de campanha do ex-presidente, “Make America Great Again” (algo como “Tornar a América grande novamente”).

Para os trabalhadores, ainda que participem eventualmente do apoio a alguma candidatura, essa disputa não deve trazer nenhuma mudança concreta. Os dois grandes partidos representam diferentes segmentos da burguesia norte-americana e são o principal pilar de sustentação das políticas imperialistas, seja na dominação econômica ou nas guerras levadas a cabo em todo o mundo. No último dia 13, com apoio de membros do Partido Republicano, o Senado aprovou proposta, apresentada pela Casa Branca, de US\$ 95,34 bilhões para

apoio militar à Ucrânia e a Israel e ajuda humanitária para os palestinos em Gaza.

O cenário da guerra vem impactando o processo de prévias dos dois partidos. Trump, logo no início do massacre de Gaza, afirmou em outubro que o ataque a Israel ocorreu porque os Estados Unidos são vistos “como fracos e ineficazes, com um líder à sua frente realmente fraco”. Portanto, um possível novo mandato de Trump vai querer mostrar a “força” dos Estados Unidos.

Nas primárias ocorridas em Michigan, nesta terça-feira, parte do eleitorado do Partido Democrata organizou uma campanha pelo “Listen to Michigan” (algo como “Ouça Michigan”), convocando os eleitores a selecionarem a opção “uncommitted” (“sem compromisso”). Embora Biden tenha ganhado com larga margem de votos, a campanha obteve 13% dos votos (cerca de 100 mil votos), numa demonstração de descontentamento. Michigan é o lar de um grande eleitorado árabe-americano, que deu massivo apoio à candidatura de Biden em 2020.

Os trabalhadores não podem ter ilusões em nenhum dos bandos burgueses, nem se deixar levar pelo medo diante da ameaça de retorno de Trump. Certamente a figura de Trump é desprezível e seu governo foi um desastre para os trabalhadores. Contudo, o ascenso de lutas e de crescimento na organização sin-

dical durante o governo Biden mostram que os trabalhadores vão aos poucos compreendendo que esse governo também não representa os seus interesses.

Os comunistas avançam

Nessa conjuntura, os trabalhadores devem contar com sua própria organização na luta contra os patrões e o governo. Não cabe temer o medo do espantinho do fascismo, representado por Trump, ou apoiar o candidato supostamente menos pior, representado pela figura de Biden, ou qualquer outra figura burguesa, como Robert F. Kennedy Jr., que desistiu de disputar as prévias do Partido Democrata e pode se lançar como candidato independente. Nenhuma dessas alternativas interessa os trabalhadores. Os comunistas norte-americanos afirmam:

“O futuro é de luta de massas e de preparação para a revolução – e não de propaganda eleitoral e negociação por reformas insignificantes. Mobilizações de rua colossais, greves gerais devastadoras e a ascensão de um partido comunista de massas estão na agenda”.

Os comunistas avançam em sua organização. No dia 25 de Fevereiro, centenas de camaradas reuniram-se nos Estados Unidos para discutir a fundação dos Comunistas Revolucionários da América (RCA, em sua sigla em inglês), um novo partido político para a nova geração de combatentes da luta

Os comunistas avançam em sua organização. No dia 25 de Fevereiro, centenas de camaradas reuniram-se nos Estados Unidos para discutir a fundação dos Comunistas Revolucionários da América (RCA, em sua sigla em inglês), um novo partido político para a nova geração de combatentes da luta de classes

membro fundador da RCA.

O lançamento do RCA representa uma grande mudança para os marxistas dos EUA. Depois de mais de um quarto de século de árduo trabalho preparatório, agora se prepara um período que exige uma organização mais ativa e combativa. John Peterson, dirigente da RCA, encerrou a reunião, enfatizando que o lançamento da nova organização marca um novo início para os marxistas dos EUA. Esse processo expressa um esforço de 26 anos para estabelecer nos Estados Unidos uma organização que fosse parte de um esforço internacional para defender as ideias e métodos do bolchevismo no período posterior ao colapso da União Soviética.

Você é comunista? Então organize-se!

Na conjuntura atual, os comunistas devem avançar no processo de organização dos sindicatos e das lutas dos trabalhadores. São exemplos de luta recente as mobilizações do movimento Black Lives Matter, as greves nas diversas categorias e o crescimento da sindicalização, inclusive em empresas com uma ferrenha prática anti-sindical, como a Amazon.

O cenário eleitoral em curso, no qual os bandos burgueses estão interessados em defender apenas seus próprios interesses, coloca aos trabalhadores a continuidade da exploração e a piora nas condições de vida da classe. Os trabalhadores devem confiar em suas próprias mãos e buscar se organizar entre os comunistas.

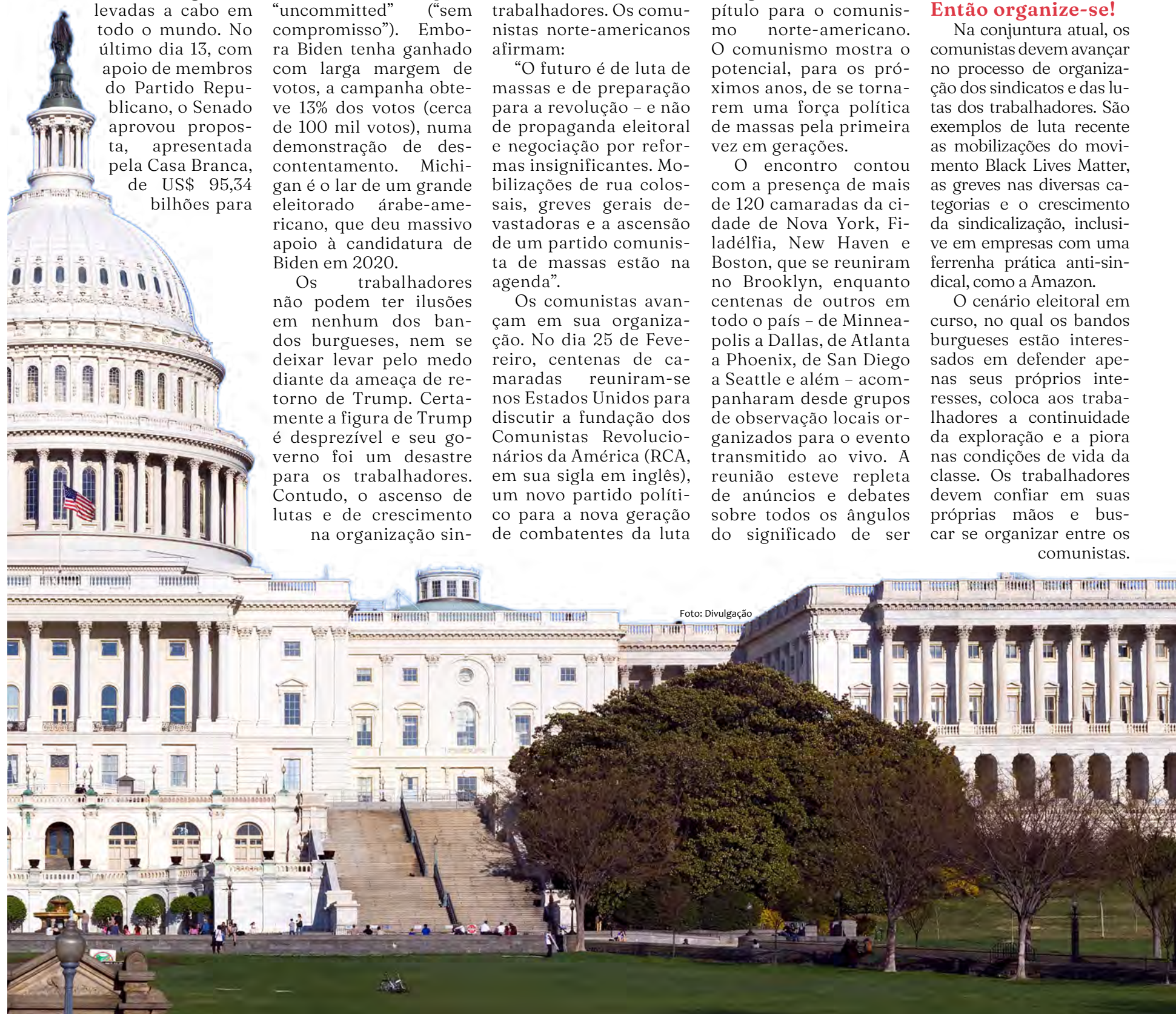


Foto: Divulgação

VOGÊ É COMUNISTA?



ENTÃO ORGANIZE-SE!

ACESSE MARXISMO.ORG.BR/JUNTE-SE OU USE O QR CODE



**ORGANIZAÇÃO COMUNISTA
INTERNACIONALISTA**